



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de lançamento do livro "No Planalto, com a Imprensa"**

Palácio do Planalto, 14 de setembro de 2010

Meu caro amigo e companheiro José Sarney, presidente do Senado Federal,

Meus companheiros ministros Franklin Martins, de Comunicação Social; Fernando Haddad, da Educação; Celso Amorim, das Relações Exteriores; Juca Ferreira, da Cultura; Luiz Dulci, da Secretaria-Geral da Presidência da República; companheiro Jorge Armando Felix, do gabinete de Segurança Institucional; companheiro Padilha, de Relações Institucionais; e companheiro Samuel Pinheiro Guimarães, de Assuntos Estratégicos,

Meu querido companheiro André Singer, por meio de quem cumprimento os porta-vozes e secretários de imprensa aqui presentes,

Meu companheiro Fernando Lyra, que certamente não se lembra da primeira vez em que nos encontramos, na cidade de Quipapá, junto com Marcos Freire, Jarbas Vasconcelos e Cristina Tavares, para fazer a nossa peregrinação política. Embora eles não soubessem, eu já estava me preparando para chegar à Presidência da República.

Nosso querido companheiro Presidente da Fundação Joaquim Nabuco e editor do livro "No Palácio [Planalto], com a Imprensa",

Companheiros da imprensa,

Companheiros convidados,

Eu sinto uma profunda alegria ao participar do lançamento desse livro, que registra a memória dos secretários de imprensa e dos porta-vozes da Presidência da República. Todos nós sabemos que, sem o árduo trabalho desses profissionais, dificilmente a sociedade seria devidamente informada



sobre o cotidiano dos governos. Sem eles, não haveria como garantir um fluxo de informações sobre como se tomam as decisões mais importantes para um país. Trata-se, portanto, de uma atividade fundamental em um regime democrático, e que merece ser tratada de forma institucional e transparente.

Nesse sentido, acredito que a edição deste livro em muito contribuirá para que jornalistas, estudiosos e todos os cidadãos que se interessam pela história brasileira nos últimos 50 anos possam conhecer e compreender um pouco melhor o cotidiano da Presidência da República e de sua relação com a imprensa.

Estou certo também de que, em parte, este trabalho poderá servir como uma prestação de contas de nosso próprio governo e da forma como nos relacionamos com os jornalistas. Uma relação pautada pela garantia da independência e da liberdade de imprensa, princípios que sempre fizemos questão de seguir e defender em todas as ocasiões.

A existência de uma imprensa livre e independente, afinal, é um pré-requisito para a existência de uma nação livre e independente. E um país como o nosso, com suas instituições cada vez mais sólidas, não pode prescindir dela.

Meus amigos e minhas amigas,

Com este livro, estamos difundindo melhor o funcionamento da Secretaria de Imprensa. Estamos também registrando as profundas transformações que ocorrem na própria imprensa e que vêm se acelerando nos últimos anos. Durante esse período, ficou cada vez mais claro para todos nós que não existe apenas uma imprensa no Brasil, mas, sim, várias imprensas, cada qual com suas práticas, necessidades e públicos específicos.

Além dos grandes jornais e redes de televisão e rádio, que normalmente já contam com profissionais trabalhando no Comitê de Imprensa do Planalto, é preciso ir além. Devemos atender também à imprensa das capitais de fora do eixo Rio-São Paulo, às emissoras de jornais das cidades do interior, à imprensa popular, à chamada imprensa alternativa, aos portais e aos blogs e à



imprensa internacional.

Para tratarmos toda essa diversidade com espírito republicano, mudamos a estrutura de nossa Secretaria de Comunicação, com a organização de setores específicos. Criamos, por exemplo, o Blog do Presidente [Blog do Planalto] e a coluna “O Presidente Responde”. E eu já concedi, por exemplo, mais de 930 entrevistas nesses oito anos, cerca de 800 delas pessoalmente e 130 por escrito.

Muitas dessas mudanças, sem dúvida, foram aceleradas para nos adaptarmos às novas tecnologias de comunicação. Desde a segunda metade dos anos 90, como se sabe, a internet já havia se tornado uma importante fonte de informação para a sociedade, mas sua real disseminação se deu apenas a partir do início do século XXI. A última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, a PNAD, mostrou que, em 2009, quase 68 milhões de brasileiros acessavam a internet – o dobro do que ocorria há cinco anos – e que mais de 1/4 de todos os domicílios do nosso país já contava com computadores ligados à rede.

A revolução digital nas comunicações está apenas começando, uma vez que o acesso à internet deve crescer, e muito, nos próximos anos, mas seus resultados já são bem visíveis. É impossível, hoje, pensar em jornalismo sem levar em conta os milhares de portais, *blogs* e redes sociais, sem prestar atenção aos novos veículos que, ligados ou não aos tradicionais órgãos de imprensa, estão modificando a forma de se fazer jornalismo. A internet, hoje, permite não apenas transmitir notícias em tempo real, ela propicia também a ampla manifestação dos eleitores, o confronto de informações e a exposição dos diversos ângulos de uma mesma notícia. Mais do que isso, ela tem um caráter essencialmente democrático, ao possibilitar que um número cada vez maior de cidadãos e cidadãs possa participar dos processos de comunicação.

Meus amigos e minhas amigas,

Um pouco dessa experiência está registrada neste livro que está sendo



lançado hoje. Ela pode, talvez, ser aproveitada por um governante futuro. Da mesma forma, é possível que outras práticas de comunicação mais adequadas a um momento histórico diferente deste em que vivemos hoje venham a ser utilizadas pelos próximos ocupantes do Palácio do Planalto. O que esta obra registra é o que vivemos e aprendemos, e também o muito que foi feito antes de nós. Cumprimos, acima de tudo, o dever republicano de tornar o exercício da Presidência cada vez mais transparente e de deixar aos jornalistas, aos estudiosos e ao conjunto da sociedade informações valiosas para a compreensão da nossa história e de nossa jovem e sólida democracia.

Quero, portanto, agradecer aos organizadores deste livro: André Singer, Mário Hélio Gomes, Carlos Villanova e Jorge Duarte. O competente e minucioso trabalho que vocês realizaram preencheu uma importante lacuna na história de nossas instituições. Esse agradecimento é extensivo à Fundação Joaquim Nabuco, que editou esta obra.

Aproveito também para transmitir o meu abraço a todos os jornalistas e ex-secretários de imprensa que vieram participar desta solenidade. Seja assessorando o governo, seja cobrindo o Palácio do Planalto, vocês sempre tiveram uma missão que vai muito além de defender, cobrar ou criticar o governo: a missão de informar e traduzir para a sociedade o funcionamento do núcleo de nossas decisões políticas e, com isso, possibilitar o debate que enriquece e dá vida à democracia.

Eu queria aqui, meu querido André Singer, quebrar o protocolo.

Primeiro, uma inveja danada, porque tem 17 porta-vozes e apenas dois presidentes, um ex. Significa que vocês vivem mais do que nós. Isso significa que, na próxima encarnação, Sarney, nós precisaremos escolher a profissão de porta-vozes, e eles, a de presidente da República. A segunda é que vocês foram porta-vozes e secretários de imprensa no momento em que a internet não tinha o peso que tem, o computador não tinha o valor que tem e o tal do Twitter não existia. Porque, se vocês tivessem um presidente da República



que, ao invés de conversar com os seus porta-vozes, resolvesse “twittar”, aí nenhum porta-voz duraria mais que 30 minutos no poder.

Eu acho que este livro, meu companheiro André, meu companheiro Fernando Lyra, era uma necessidade. Era uma necessidade para que todos nós, brasileiros, tivéssemos algumas informações que nos faltavam. Independentemente do perfil ideológico do presidente da República, ele era presidente da República, ele tinha que tomar decisões, o Congresso Nacional existia, as instituições existiam, se cometiam erros ou acertos tentando acertar, e ninguém mais do que vocês vivia esse cotidiano. Porque também o porta-voz, às vezes, ele funciona como se fosse Deus. Às vezes, o Presidente pensa que não precisa, somente quando precisa criar aquele ministério que o Chico Buarque falou, aquele ministério “do que vai dar”, sabe, aí a gente é obrigado a chamar o porta-voz para ele falar por nós, para evitar que os presidentes tropecem no cadarço.

Então, eu acho que este livro, possivelmente, possivelmente a gente tenha, daqui para frente, uma geração de presidentes que vai saber escolher melhor os seus porta-vozes, vai saber escolher melhor os seus secretários de imprensa e, possivelmente, os próprios secretários, tendo o acúmulo de experiência que vocês tiveram, publicada neste livro, possam acertar mais e errar menos do que a nossa geração acertou e errou.

Um abraço e parabéns, companheiro André Singer.

(\$211A)